

Ana Cristina Macário Lopes (Coimbra)

«Ainda»

1 Introdução

Este trabalho dá continuidade a um projecto de investigação já em curso sobre determinados itens do português que, tradicionalmente classificados como advérbios de tempo, actualizam sentidos bastante diversificados no plano discursivo, para além do valor semântico primitivo. A análise dos itens que até agora mobilizaram a minha atenção (*agora, então, logo, sempre, ainda*) questiona a tradicional definição da classe dos advérbios e leva-me a considerar correcta a afirmação de Ilari segundo a qual

[...] uma descrição completa do advérbio dependeria do domínio de dois tipos de gramática: a) a que estuda as expressões do ponto de vista da sua constituição morfossintáctica e da sua conexidade; b) a que trata do fluxo de informações e da coesão textual (Ilari 1996: 116).

O trabalho descritivo que tenho vindo a desenvolver pretende contribuir para a clarificação de uma área gramatical até agora pouco estudada entre nós, e envolve conceitos operatórios que relevam da semântica e da pragmática.

O comportamento linguístico destes itens pode ser visto como um caso de homonímia — e seria a solução mais simples, mas também a menos esclarecedora —, ou então como um caso de polissemia, numa óptica de economia da língua (isto é, utilização dos mesmos meios lexicais para uma multiplicidade de funções). No meu horizonte perfila-se a hipótese de que, sob a variedade dos valores de uso, há uma invariância que é possível apreender. Com efeito, parece plausível que laços conceptuais analógicos unifiquem/articulem os diferentes usos

de um item linguístico, o que viabilizaria uma descrição integrada do item em questão. A linguística histórica poderia certamente iluminar este tipo de análise; no entanto, não sendo essa a minha área de investigação, limitar-me-ei a uma descrição sincrónica dos valores discursivos atestados. Os juízos semânticos baseados na minha intuição de falante nativa serão um instrumento de trabalho privilegiado, suportando as análises e conclusões propostas.

Neste trabalho, proponho-me, pois, identificar e caracterizar os valores assumidos por *ainda* e identificar os contextos em que os referidos valores emergem. Trata-se de um estudo predominantemente descritivo, etapa prévia indispensável a qualquer formalização.

A estrutura do trabalho é a seguinte: na primeira parte, analisar-se-ão os valores temporo-aspectuais de *ainda*, combinando o marcador com diferentes classes de *Aktionsart*.¹ Segue-se a descrição dos valores não temporais, nomeadamente valores escalares no âmbito espacial e nocional, valor concessivo, valor que releva da articulação da estrutura tópica do discurso, valor aditivo e valor ilocutório expressivo. Por fim, equacionar-se-á a possibilidade de circunscrever um núcleo prototípico de significação, com o qual os diferentes usos mantenham afinidades conceptuais.

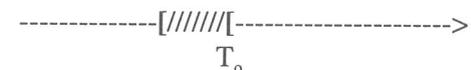
2 *Ainda*: valores temporo-aspectuais

Vejam-se os seguintes exemplos:

- (1) O João ainda está no banho.
- (2) Quando foi para o infantário, o João ainda usava chupeta.
- (3) Em Junho de 98, o João ainda estará na escola primária.

¹ Utilizarei, neste trabalho, a clássica tipologia de valores de *Aktionsart* de Vendler (1967).

Em (1), a situação representada localiza-se num intervalo de tempo que se sobrepõe ao momento da enunciação (e este valor de localização temporal é expresso pelo presente), e a estrutura interna desse intervalo comporta uma fronteira fechada à esquerda e uma fronteira aberta à direita. Em diagrama, recorrendo a uma topologia simples de intervalos de tempo e marcando o intervalo de tempo da enunciação por T_0 , representaremos o valor de *ainda* a tracejado sobre uma recta orientada, que simboliza o *continuum* do tempo, realidade física:



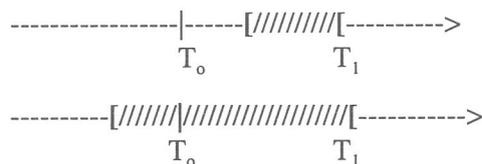
Assinale-se, desde já, que *ainda* comporta um valor imperfectivo: a fronteira inicial da situação descrita, ou seja, a fronteira que marca o início do estado temporário *O João está no banho*, situa-se algures num momento anterior a T_0 , e esse estado prolonga-se até ao momento da enunciação, incluindo-o. O enunciado não faculta informação precisa/explicita acerca da continuação do estado em intervalos de tempo posteriores a T_0 , mas *ainda* sugere fortemente, por implicatura conversacional, um futuro fechamento de fronteira à direita. *Ainda* não é um localizador temporal estrito, na medida em que não situa no eixo do tempo a situação descrita, a partir de um determinado ponto de referência; *ainda* é fundamentalmente um operador aspectual, na medida em que carrega informação acerca das fronteiras do intervalo de tempo relevante, especificando a sua estrutura interna.

Em (2), a representação diagramática seria a seguinte, sendo T_1 o intervalo ocupado pela situação descrita na oração temporal introduzida por *quando*:



O valor de *ainda* é idêntico, apenas se altera aqui o ponto de referência a partir do qual se localiza a situação *O João usava chupeta*. A oração temporal introduzida por *quando* delimita um intervalo de tempo na esfera do passado e é esse intervalo que funciona como ponto de referência para a localização temporal da situação descrita na oração principal. Assim, verifica-se de novo uma relação de sobreposição (desta vez expressa pelo imperfeito) relativamente ao ponto de referência e uma indicação suplementar sobre a estrutura aberta à direita do intervalo circunscrito por *ainda*.

O mesmo sucede em (3): o adjunto adverbial localizador (*Em Junho de 98*) delimita um ponto de referência na esfera do futuro, sendo a situação descrita localizada num intervalo que se sobrepõe a esse ponto de referência. *Ainda* marca novamente uma fronteira inicial anterior ao ponto de referência e deixa o intervalo aberto à direita. Essa fronteira inicial tanto pode ser anterior como posterior a T_0 ; o que é relevante é a anterioridade relativamente a T_1 . Daí a dupla representação que a seguir se apresenta:



Podemos, pois, concluir que, independentemente do carácter deíctico ou anafórico da localização temporal, *ainda* é sempre um operador aspectual, veiculando um valor de persistência temporal de uma situação que, tendo começado num momento anterior ao ponto de referência, é descrita como estando em curso no intervalo correspondente a esse ponto de referência.

Vejamos agora as compatibilidades de co-ocorrência de *ainda* com diversas classes de *Aktionsart*.

2.1 Predicados estativos

Neste parágrafo, analisaremos as possibilidades de co-ocorrência de *ainda* com predicados estativos. Vejam-se os exemplos (4) e (5):

- (4) A Ana ainda vive em Lisboa.
 (5) ?A Ana ainda é alta.

O predicado *viver*, sendo estativo, representa/descreve um estado susceptível de ser conceptualizado como episódico ou temporário (note-se que pode ser circunscrito através de expressões adverbiais de delimitação temporal (por exemplo, *desde x até y*) e é perfeitamente compatível com a construção progressiva). Daí que seja perfeitamente aceitável a sua co-ocorrência com *ainda*. Já em (5), o predicado *ser alto*, sendo também basicamente estativo, descreve um estado dificilmente conceptualizado como episódico, um estado que corresponde à atribuição de uma propriedade estável a um indivíduo. A sugestão de um potencial fechamento de fronteira à direita, que *ainda* comporta, não parece compatível com o predicado em questão. No entanto, veja-se (6):

- (6) A Ana ainda é alta, agora o João nem por isso.

Neste contexto, o grau de aceitabilidade é francamente superior. Trata-se de uma construção que envolve uma comparação onde *ainda* não tem já o valor temporo-aspectual que temos vindo a analisar. Este tópico será retomado abaixo.

Dada a semântica de *ainda*, são perfeitamente compreensíveis as incompatibilidades que os exemplos seguintes atestam:

- (7) *A soma de dois números ímpares é ainda um número par.
 (8) *Ela ainda é velha.

Com efeito, o carácter inaceitável de (7) justifica-se pelo facto de *ainda* não poder ocorrer em asserções genéricas: o

estado de coisas descrito nestas asserções é atemporal, o que acarreta a impossibilidade de um estado positivo *p* ser seguido por um estado negativo *não-p*. Quanto a (8), verifica-se a impossibilidade de combinar *ainda* com a descrição de um estado que, sendo temporalmente contingente, é, no entanto, irreversível. (8) não é aceitável porque o predicado *ser velha* não admite um estado contrário subsequente. Pela mesma razão se aceita (9), mas não (10):

- (9) Ainda é cedo.
 (10) *Ainda é tarde.

2.2 Predicados não estativos

Vejam-se os seguintes exemplos:

- (11) A Ana ainda fuma.
 (12) A Ana ainda fumou depois da operação.
 (13) A Ana ainda escreveu um romance depois do acidente.
 (14) A Ana ainda reconheceu o amigo antes de desmaiar.

Em (11) e (12), *ainda* co-ocorre com predicados de actividades, mantendo o seu valor imperfectivo e continuativo. Mas em (13) e (14), os predicados de *accomplishment* e de *achievement* promovem a representação de situações culminadas, isto é, situações que ocorrem num intervalo fechado, o que bloqueia o valor continuativo referenciado. Segundo O. Lopes, ao combinar-se com a descrição linguística de uma situação que envolve um ponto de culminação, *ainda* activa uma

[...] lógica bem claramente modal: se se disser *ainda dormiu* [...], remete-se, não para intervalos de tempo, mas para um jogo de modalidades [...]; *ainda dormiu* equivale, aproximadamente, a *ainda pôde dormir* (Lopes 1985: 94).

Nesta perspectiva, (13) e (14) significariam, aproximadamente (13a) e (14a):

- (13a) A Ana ainda conseguiu escrever um romance depois do acidente.
 (14a) A Ana ainda conseguiu/foi capaz de reconhecer o amigo antes de desmaiar.

Se parece plausível associarmos aos enunciados em apreço o valor modal assinalado, não deixa de ser problemática a ocorrência, nas paráfrases, de *ainda*. Talvez possamos esboçar uma explicação alternativa, ou, pelo menos, complementar. Em (13), *ainda* implícita que a escrita de romances fazia parte das competências da Ana, antes do acidente; deste modo, *ainda* assinala que a situação vivida pela Ana após o acidente prolonga uma outra, reconstituída inferencialmente. Assim, num nível menos superficial de análise semântica, não é o evento culminado *escreveu um romance* que está em jogo, mas sim a capacidade de a Ana escrever romances. Deste modo, mantém-se intacto o valor temporo-aspectual já analisado. Em (14), *ainda* assinala novamente que o evento descrito (*reconhecimento do amigo*) teve lugar num intervalo de tempo correspondente ao prolongamento de uma situação cuja fronteira inicial se pressupõe e cuja fronteira final aparece discursivamente delimitada; por outras palavras, o reconhecimento do amigo ocorreu antes do fim de um determinado estado de coisas cujo início antecede o evento representado. No caso vertente, antes de desmaiar, a Ana podia/conseguia/era capaz de reconhecer os amigos, e esse estado de coisas persiste no intervalo de tempo circunscrito pelo predicado de *achievement*. Podemos, pois, concluir que, combinado com descrições de eventos culminados, *ainda* induz uma interpretação modal do enunciado, a única que é compatível com o valor temporo-aspectual do advérbio. Por outras palavras, a leitura modal pode ser vista como um efeito ou um resultado da semântica de *ainda*: ao co-ocorrer com predicados de *accomplishment* ou de *achievement*, *ainda* impõe um quadro/uma formatação temporo-aspectual que força uma interpretação baseada na inferência de uma situação aspectualmente imperfectiva.

Uma interpretação similar parece adaptar-se ao exemplo (15):

A contribuição de *ainda* para o significado de (18) verifica-se ao nível da localização no espaço. Trata-se de localizar um determinado ponto geográfico numa porção de espaço a que se aplica uma determinada propriedade *P*. No caso vertente, essa propriedade é ficar em Trás-os-Montes. A topologia espacial construída por *ainda* implica a existência de uma fronteira a partir da qual a propriedade *P* deixa de se verificar. Voltando ao exemplo, ultrapassada a fronteira sugerida por *ainda*, estar-se-á já fora de Trás-os-Montes. Assim, *ainda* assinala que há uma sequência ordenada e homogénea de pontos que integram a zona definida pela propriedade *ficar em Trás-os-Montes*, estando Paradela incluída nessa zona, embora num território já de fronteira. Como se depreende, há um paralelismo marcado entre o funcionamento aspectual de *ainda* e o uso que aqui acabámos de descrever: *ainda* institui/activa uma topologia, podendo esta ser de ordem temporal ou espacial.

3.2 Usos escalares nocionais

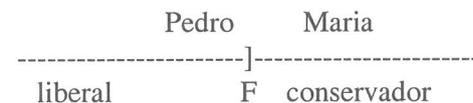
3.2.1 Localização na fronteira de um domínio nocional

Veja-se o seguinte enunciado:

(19) O Pedro ainda é liberal, agora a Maria já é conservadora.

Em (19), o locutor pretende dizer que o Pedro é um caso marginal ou periférico, no que toca à categoria *liberal*. Por outras palavras, o Pedro não corresponde ao melhor exemplar, à instância central, ao representante prototípico dessa categoria. Ao enunciar (19), o locutor implica que há outras pessoas que instanciam de forma bem mais inequívoca a categoria em apreço; sendo um membro pouco representativo da categoria, isso significa que as propriedades que configuram o liberal típico nele se manifestam de forma muito atenuada. Embora instancie algumas das propriedades que caracterizam intensionalmente o predicado *liberal*, o Pedro já não é um liberal típico; ainda não é conservador, mas já quase não é liberal. Está, pois,

numa posição periférica, próximo de uma fronteira.⁶ Em diagrama, e supondo uma escala no domínio nocional, sendo *F* a fronteira entre sub-domínios complementares, teríamos:



Neste contexto, o eixo do tempo é substituído por uma escala contínua de valores, cujos pólos opostos são circunscritos lexicalmente pelos predicados *liberal* e *conservador*.⁷ Os argumentos destes dois predicados desempenham um papel idêntico ao do tempo de referência nas construções em que *ainda* tem um valor estritamente temporo-aspectual.⁸

3.2.2 Usos comparativos

Veja-se o exemplo (20):

(20) O Pedro é bonito, mas/e o João ainda é mais bonito.

Trata-se ainda de um uso escalar no plano nocional, embora neste caso *ainda* opere exclusivamente no interior de um domínio nocional, sendo irrelevante o seu complementar linguístico.

⁶ Note-se que esta localização periférica aparece invariavelmente associada a este tipo de usos de *ainda*, o que reforça a ideia previamente avançada de que o *ainda* temporal implica a iminência de uma fronteira final e consequente mudança de estado.

⁷ Parece-me importante sublinhar que *ainda* implica, em contextos deste tipo, a existência de uma fronteira entre domínios nocionais: o domínio que no exemplo é circunscrito pelo predicado *conservador* é o complementar linguístico do domínio circunscrito por *liberal*. Ou seja, *conservador* corresponde a *não-liberal*.

⁸ Assinale-se que, nestes usos, se mantém coeso o sistema de relações entre *ainda* e *já não*, *ainda não* e *já*.

Em (20), *ainda* ocorre numa construção que envolve uma avaliação comparativa de situações: confrontam-se dois indivíduos que partilham a mesma propriedade, sendo essa propriedade de graduável. Nas construções comparativas, pressupõe-se uma afectação prévia de valores aos indivíduos, dentro da escala predicativa, e o estabelecimento subsequente de uma relação de ordem entre os valores. No caso vertente, e dentro da escala predicativa graduável *ser bonito*, o enunciado (20) estabelece uma relação de ordem entre dois valores distintos, o grau de beleza do Pedro e o do João, que podemos representar, respectivamente, por *a* e *b*. A relação de ordem expressa pode ser traduzida da seguinte forma $b > a$. Para apreendermos o valor de *ainda*, que opera como um intensificador, importa confrontar o enunciado (20) com um outro em tudo idêntico, mas sem a ocorrência do advérbio:

(20a) O Pedro é bonito, mas/e o João é mais bonito.

A minha intuição de falante nativa diz-me que a ocorrência de *ainda* não é supérflua; em termos de condições de verdade, as frases são semanticamente equivalentes, mas em (20) o locutor implícita que o grau de beleza do Pedro é já significativamente alto, face a um valor médio ditado por uma norma social convencional, o que, naturalmente superlativiza o grau de beleza do João. *Ainda* não assume aqui, obviamente, nenhum valor tempo-aspectual, antes assinala a persistência de valores elevados numa escala. Contrariamente ao que se verificava nos exemplos anteriores, aqui *ainda* não envolve nenhuma sugestão de proximidade de fronteira e conseqüente transição para um estado *não-p*. No entanto, o valor básico de *ainda* mantém-se intacto: *ainda* continua a funcionar como um operador escalar que assinala a permanência ou a continuidade de um estado-de-coisas numa sequência ordenada.

3.3 Usos concessivos

Vejam-se os exemplos:

- (21) O teu irmão tratou-te muito mal; ainda assim, deves ajudá-lo.
 (22) Não puseste especiarias na carne; ainda assim, está saborosa.

Nestes contextos, *ainda*, conjugado com *assim*, assume um valor concessivo.⁹ É importante sublinhar que não seria possível, em português, a ocorrência isolada de *ainda* nos exemplos (21) e (22). No entanto, numa construção contrastiva marcada pela ocorrência de *mas*, seria facultativa a ocorrência de *assim*:

(22a) Não puseste especiarias na carne, mas ainda (assim) está saborosa.

Em (21) e (22), *ainda assim* é uma expressão que funciona em bloco, parafraseável por *apesar disso*; *assim*, na expressão *ainda assim*, reenvia anaforicamente para aquilo que foi dito no enunciado precedente, tal como *isso* em *apesar disso*.¹⁰ Parece plausível propor como paráfrases de (21) e (22) respectivamente (21a) e (22a):

⁹ Segundo Traugott / König (1991), a evolução semântica de advérbios temporais com um significado de sobreposição temporal para conectores concessivos verifica-se num conjunto vasto de línguas.

¹⁰ *Ainda assim* pode ocorrer numa intervenção discursiva sem remeter directamente para um estado de coisas previamente referenciado no contexto. Veja-se o seguinte excerto de uma entrevista do *Português Fundamental*: «e eu também gosto dele, claro, que somos tudo uma família muito bem unida, inda assim» (PF 134). Neste caso, *ainda assim* equivale a *apesar de tudo*, o que significa que *assim* reenvia genericamente para o *status quo*. Gostaria de apresentar um outro exemplo, desta feita retirado de Machado de Assis e citado por Cunha / Cintra (1984: 611), onde *ainda* ocorre com um valor concessivo: «Aqui mesmo, ainda não sendo padre, se quiser florear com outros rapazes, e não souber, há de queixar-se de você, Mana Glória». Trata-se de uma construção que não ocorre no *corpus* oral do português europeu contemporâneo que consultei.

- (21a) Embora o teu irmão te tenha tratado mal, deves ajudá-lo.
 (22a) Embora não tenhas posto especiarias, a carne está saborosa.

Tanto num caso como no outro, *ainda* (ou melhor, *ainda assim*) estabelece um nexos entre duas situações: em (21), o facto de o João te ter tratado mal não invalida/não anula a obrigação de ajuda; em (22), a ausência de especiarias não anula o bom sabor da comida. Note-se que este valor reaparece em construções que envolvem a locução conjuncional *ainda que*, como atesta o exemplo (23):

- (23) Ainda que o galo não cante, a manhã sempre rompe.

Em (23), a correlação semântica interproposicional é condicional concessiva.¹¹ O nexos condicional subjacente é evidenciado por uma paráfrase do tipo *se p, q e se não-p, q*, equivalente a *quer p, quer não-p, q*. Nas construções condicionais concessivas, o conseqüente é relacionado com um conjunto de condições potenciais alternativas e é sempre verdadeiro, seja qual for a condição que se venha a verificar.¹² Mas para além do nexos semântico assinalado, que pode ser tratado no âmbito de uma semântica verocondicional, é particularmente interessante assinalar uma outra dimensão de significação carregada pelo conector *ainda que*: o estado de coisas descrito no constituinte que está no escopo do referido conector é o menos provável, ou o mais inesperado, num dado contexto. Por outras palavras, enunciados condicionais concessivos implicam convencionalmente que a

¹¹ Parece-me que a locução conjuncional *ainda que* não ocorre em subordinadas concessivas puras: «??Ainda que tenha ido à Faculdade, não encontrei os meus colegas.» *Ainda que*, contrariamente a *embora* ou *apesar de*, não parece compatível com a modalidade do factual.

¹² Diz König (1991: 231) a este respeito: «Concessive conditionals [...] typically entail their consequent».

condição expressa no antecedente é normalmente considerada incompatível com a situação descrita no conseqüente.¹³

Veja-se de novo o exemplo (22), cujo processamento pode ser assim explicitado:

- (22b) Normalmente, se não se põem especiarias na carne, ela não fica saborosa; mas, contrariamente às expectativas, não puseste especiarias e a carne ficou na mesma saborosa.

Com este valor concessivo, *ainda assim* assinala que uma determinada situação persiste, não é anulada pela ocorrência de uma outra, ao contrário do que se poderia esperar.

3.4 Marcador de estruturação textual

Na consulta que fiz do *corpus* do *Português Fundamental*, verifiquei que são frequentes as co-ocorrências de *ainda* com expressões adverbiais de localização temporal deíctica: *ainda hoje, ainda ontem, ainda agora, ainda o ano passado*. Nestes enunciados, refere-se um evento específico e *ainda* focaliza o adjunto adverbial de localização temporal; o evento descrito localiza-se no interior da especificação temporal carregada pelo adjunto. Veja-se, a título de exemplo, (24):

- (24) [...] eles querem é comer legitimamente. *ainda* hoje comeram dobrada à portuguesa (PF 41).

Analisando as diferentes ocorrências deste tipo, pude verificar que tipicamente elas surgem em contextos em que um determinado tema/tópico foi abordado na conversa de forma bastante genérica, sendo seguidamente retomado pelo locutor num segmento discursivo introduzido por *ainda*, já sob a forma de um enunciado que ilustra ou especifica o referido tema. O exemplo acima transcrito é paradigmático: o locutor é um

¹³ A implicatura é descrita por König do seguinte modo: «*Even though p, q implies if p, then normally ¬ q*» (König 1991: 233).

empregado de mesa que fala sobre os gostos alimentares dos clientes estrangeiros, defendendo a ideia de que eles procuram e apreciam a nossa comida tradicional. Para ilustrar este tópico (e credibilizar assim a sua opinião), dá um exemplo, recorrendo ao sub-conjunto de estrangeiros presentes no restaurante naquele dia, que comeram justamente um prato típico da cozinha nacional. *Ainda* parece assinalar a persistência de um tópico discursivo, que vai ser retomado pelo falante através da descrição de uma situação temporalmente localizada no intervalo circunscrito pelo adjunto adverbial que *ainda* focaliza. Nesta perspectiva, *ainda* teria uma função textual de articulador da estrutura intratópica, operando ao nível da construção da textualidade.

Julgo poder afirmar que há também uma função focalizadora secundária neste uso de *ainda*; com efeito, o foco de uma partícula relaciona o valor da expressão focalizada com um conjunto de alternativas; *ainda hoje*, por exemplo, activa alternativas do mesmo tipo (*ontem, na semana passada, etc.*), e inclui as alternativas como valores possíveis para a proposição aberta no seu escopo. No entanto, não me parece ser esta a função mais relevante; como acima sublinhei, é sobretudo no plano da estruturação da coesão / coerência textual que encontro uma explicação adequada para este uso de *ainda*.

3.5 Valor aditivo

Encontrei, no *corpus* oral do *Português Fundamental*, um valor meramente aditivo de *ainda*. Curiosamente, este valor encontra-se quantitativamente pouco representado, o que veio contrariar a minha expectativa inicial. Veja-se o exemplo (25):

- (25) mas é assim. e ainda tenho um campo, ainda faço um campito fora, e ainda tenho de ir à erva, tenho de ir aos coelhos [...] (PF 75).

No enunciado (25), há diferentes e sucessivas ocorrências de *ainda*, numa sequência de coordenação do tipo: *a e ainda b, ainda c, e ainda d*. Parece-me tratar-se de um valor de mera

enumeração aditiva, sendo *ainda* substituível por *também*, ou, eventualmente, *além disso*. *Ainda* pressupõe algo ao qual se soma explicitamente outra coisa, expressa pelo constituinte que está no seu escopo. Trata-se, pois, de expressar a adição de algo a um todo mais vasto, numa enumeração que se pretende exaustiva.

Veja-se agora o exemplo (26), que reproduz uma sequência discursiva também retirada de uma entrevista do *corpus* do *Português Fundamental*:

- (26) Tenho a minha família, tenho mulher e filhos e tenho que me assujeitar e ainda tenho que pagar para trabalhar (PF 328).

Em (26), temos uma estrutura de coordenação e *ainda* só ocorre na última frase coordenada. Embora o valor aditivo esteja presente, julgo que se agrega um valor focalizador ausente no exemplo anterior, provavelmente acentuado por factores de natureza prosódica. Neste último exemplo, a comutação de *ainda* com *até* em nada parece alterar a significação do enunciado. Veja-se (26a):

- (26a) Tenho a minha família, tenho mulher e filhos e tenho que me assujeitar e até tenho que pagar para trabalhar.

Nos seus usos posicionais, *até* expressa o último ponto de um percurso, no espaço ou no tempo. Enquanto partícula ou marcador discursivo, *até* mantém esse valor de limite, podendo o percurso ser de natureza quantitativa ou qualitativa. *Ainda* e *até* são, pois, mutuamente substituíveis em contextos deste tipo, o que significa que ambos assinalam um percurso ascendente numa escala. Numa leitura atenta, verificamos que, em (26), o locutor estabelece uma espécie de escala (e uma comparação implícita) adicionando situações que se ordenam em crescendo num eixo modalizante/valorativo. Assim, *ainda* poderia comutar, também, com *ainda por cima* ou *para cúmulo*. As comutações propostas apontam, curiosamente, para um ponto alto, o que parece sugerir um pólo elevado numa escala ou numa

topologia de valores. Tal como em (20), parece-me que em (26) *ainda* implícita igualmente que o que foi dito previamente já tem um valor elevado numa escala axiológica. Concretizando, ter que se sujeitar (já) é bastante mau, ter que pagar para trabalhar é péssimo.¹⁴ Ao focalizar a última proposição, *ainda* assinala que ela é a mais relevante do ponto de vista informacional.

Ducrot¹⁵ considera que partículas discursivas deste tipo (*même*, em francês) ocorrem quando temos vários enunciados orientados para uma conclusão comum e importa marcar linguisticamente que um deles tem uma força argumentativa superior a todos os outros. Trata-se de uma análise que evidencia a dimensão basicamente argumentativa da linguagem e que pode coadunar-se com as observações que desenvolvemos a partir dos nossos exemplos. Com efeito, se em (26) o locutor argumenta no sentido de provar que a sua situação é má, então não há dúvida de que o último argumento é o que maior peso tem no conjunto.

3.6 Valor ilocutório expressivo

Resta-me referenciar, neste elenco dos valores de uso de *ainda*, um valor de natureza predominantemente expressiva que o fragmento de diálogo a seguir transcrito ilustra:

- (27) A — O João teve alta.
B — Ainda bem!

Parafraseável por *felizmente*, *ainda bem* funciona como uma locução fixa que ocorre tipicamente em situações de diálogo; trata-se de uma réplica com uma função ilocutória reactiva, que

¹⁴ Note-se que no exemplo em apreço a avaliação é negativa, mas podemos também encontrar o caso inverso, como o exemplo seguinte atesta: *Ela tem um bom emprego, um bom núcleo de amigos e ainda filhos adoráveis.*

¹⁵ Veja-se Guimarães (1976; 1979).

traduz um comentário de avaliação positiva por parte do locutor. Conjugada com uma curva entonacional específica, a locução serve de suporte a um acto ilocutório expressivo, um acto de congratulação face à situação previamente apresentada.

4 Considerações finais: um tratamento integrado?

O trabalho de descrição e análise do item *ainda* evidencia a complexidade da sua caracterização semântica, que resulta da multiplicidade dos seus valores de uso. Para além da tipologia esboçada, importa agora reflectir sobre um possível tratamento unificado. Relativamente às propostas descritivas e explicativas disponíveis, aquelas que se me afiguram mais relevantes são as que se propõem apreender de forma unitária os diferentes valores discursivos de *ainda* (*still*, em inglês e *noch* em alemão). Assim, König (1991) e van der Auwera (1993) consideram que *ainda* tem um significado basicamente aditivo, sendo de diferente natureza as entidades que podem adicionar-se.

Baker (1991), por seu turno, considera que os significados escalares de *ainda* são casos especiais de um significado mais geral de natureza não escalar. Defendendo ser plausível que laços ou nexos analógicos unifiquem os diferentes usos de uma palavra, Baker propõe como ‘núcleo duro’ do significado de *ainda* a noção de *persistência*:

(Still P) is true just in case the state of affairs P, or some component of it, has ‘withstood’ or ‘persisted against’ some condition (Baker 1991: 30-31).

Sem entrar numa discussão pormenorizada em torno dos argumentos aduzidos pelos autores, direi apenas que me parecem facilmente conciliáveis as duas hipóteses interpretativas nos casos em que *ainda* assume o valor temporo-aspectual básico. Com efeito, *ainda* temporo-aspectual marca a persistência de um estado de coisas num determinado intervalo de tempo, assinalando que esse estado teve início antes do intervalo de tempo de referência e se prolonga neste último. Desta forma,

ainda formata a estrutura interna do intervalo de tempo de referência, deixando aberta a sua fronteira final. O estado *p* cuja persistência *ainda* assinala resulta de uma mudança de um estado *não-p*; tal persistência resulta necessariamente de uma adição de intervalos de tempo.

Nos usos escalares não temporais, a noção de persistência parece ser a mais relevante. Assim, nos usos nocionais exemplificados em 3.2.1, *ainda* marca a persistência da propriedade definida pelo predicado, sendo neste contexto sugerida uma topologia no domínio nocional, entre uma ocorrência/realização central ou prototípica da propriedade e instâncias periféricas. Nos usos tipicamente comparativos, há (pelo menos) dois indivíduos (ou situações) confrontados, em função do seu posicionamento numa escala predicativa graduável; *ainda* assinala a persistência da propriedade que funciona como eixo da comparação, superlativizando um determinado valor face a um outro, implicitamente colocado num ponto já elevado da escala.

Nos usos concessivos, *ainda assim* assinala a persistência de um estado de coisas e implícita que normalmente ele deveria ser anulado dada a ocorrência de um outro, cotextualmente descrito (ou contextualmente inferido). A topologia instaurada seria, neste caso, deslocada para o campo dos graus de expectativa do falante, segundo uma escala de probabilidades socialmente partilhada.

Quanto aos casos analisados em 3.4, a noção de persistência mantém-se válida, desde que transposta para o âmbito da estrutura temático-informacional do texto. Em 3.5, *ainda* assume de forma muito clara um valor aditivo; a noção de persistência só seria operatória ao nível ilocutório: nos contextos em apreço, a ocorrência de *ainda* indicia que o locutor persiste no seu acto discursivo de enumeração.

Uma outra questão interessante seria equacionar a natureza dos nexos conceptuais que interligam os diferentes valores de uso de *ainda*. Parece-me que se trata fundamentalmente de nexos analógicos, provavelmente resultantes de um tratamento

cognitivo similar de topologias, sejam elas de tempo, de espaço ou de valores, no caso dos usos escalares de *ainda*. A noção wittgensteiniana de *semelhanças de família* parece captar a cadeia de afinidades conceptuais detectadas. Trata-se de uma rede flexível de relações, supostamente alargada por sucessivas derivações ao longo do tempo. Um estudo diacrónico ajudaria a clarificar os diferentes momentos dessa derivação.

Finalmente, gostaria de aflorar uma última questão com incidências teóricas consideráveis: o significado de *ainda* contribui ou não para as condições de verdade da frase em que ocorre? Se pensarmos nos usos temporais, parece-me inegável que a pressuposição activada por *ainda* deve ser contemplada na explicitação das condições de verdade da frase. A sugestão de uma fronteira final deverá ser perspectivada, na minha opinião, em termos de implicatura conversacional, dado que é cancelável. Contudo, no uso escalar nocional exemplificado em 3.2.1, a implicatura conversacional inicial parece ter-se já convencionalizado: a avaliação do valor delimitado por *ainda* como periférico numa escala parece integrar o significado da frase, embora não corresponda a um aspecto verocondicional do significado. Julgo que a noção griceana de implicatura convencional permite caracterizar esta vertente do significado activado por *ainda* no contexto referido.

Quanto aos usos concessivos, penso que seria operatório considerar que a locução conjuncional *ainda assim* admite uma caracterização instrucional: formata o contexto em que devem ser interpretadas as duas proposições articuladas, assinalando convencionalmente que a conjunção de *p* e *q* é inesperada, dado que, normalmente, a ocorrência de *p* implicaria *não q*.

Como atrás assinalai, apenas pretendi aflorar a questão. Dilucidar os diferentes tipos de significação em jogo implicaria uma reflexão teórica geral sobre as fronteiras entre semântica e pragmática, algo que transcende o objectivo bem menos ambicioso deste trabalho. De qualquer modo, os dados analisados apontam justamente para a necessidade de questionar essas fronteiras.

5 Bibliografia

- Auwera, Johan van der (1993): «*Already and still: beyond duality*», em: *Linguistics and Philosophy* 16/6, págs. 613-153.
- Baker, Stephen (1991): «*Even, still and counterfactuals*», em: *Linguistics and Philosophy* 14/1, págs. 1-38.
- Campos, Henriqueta Costa (1997): «Elementos para a definição de alguns invariantes da linguagem», em: Campos, Henriqueta Costa (1997): *Tempo, aspecto e modalidade: estudos de linguística portuguesa*, Porto: Porto Editora, págs. 69-82.
- Cunha, Celso / Cintra, Luis F. Lindley (1984): *Nova gramática do português contemporâneo*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Guimarães, Eduardo Roberto Junqueira (1976): «Da modalidade e auxiliarização verbal em língua portuguesa», dissertação de mestrado, São Paulo: Universidade de São Paulo; Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.
- Guimarães, Eduardo Roberto Junqueira (1979): «Modalidade e argumentação lingüística: análise de enunciados no passado em língua portuguesa», tese de doutorado, São Paulo: Universidade de São Paulo; Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.
- König, Ekkehard (1991): *The Meaning of Focus Particles: A Comparative Perspective*, London: Routledge.
- Ilari, Rodolfo (1996): «A categoria do advérbio no português falado», em: Duarte, Inês / Leiria, Isabel (ed.) (1996): *Actas do Congresso Internacional sobre o Português*, vol. 1, Lisboa: Colibri, págs. 107-140.
- Löbner, Sebastian (1989): «German *schon, erst, noch*: an Integrated Analysis», em: *Linguistics and Philosophy* 12/2, págs. 167-212.
- Lopes, Óscar (1971): *Gramática simbólica do português*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Lopes, Óscar (1985): «Algumas peculiaridades do português, e especialmente do português europeu, que importam à teoria semântica linguística universal», em: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa (1985): *Actas do Congresso sobre a situação da língua portuguesa no mundo*, vol. 1, Lisboa: ICALP, págs. 85-104.
- Matos, Sérgio (1986): «Semântica e pragmática de *já, ainda, já não e ainda não*», dissertação de mestrado, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Traugott, Elizabeth Closs / König, Ekkehard (1991): «The Semantic-Pragmatics of Grammaticalization Revisited», em: Traugott, Elizabeth Closs / Heine, Bernd (eds.) (1991): *Approaches to Grammaticalization*, vol. 1: *Focus on Theoretical and Methodological Issues*, Amsterdam: J. Benjamins, págs. 128-218.
- Vendler, Zeno (1967): «Verbs and Times», em: *Linguistic and Philosophy*, Ithaca: Cornell University Press, págs. 97-121.